

“A Educação é um templo Augusto”: memórias do Colégio Leopoldo a partir das imagens escolares

Diogo Piassá das Mercês*, Leonardo Luiz da Silva **

Resumo

O presente artigo tem como objetivo tecer algumas notas sobre o uso das imagens escolares enquanto possibilidade de construção/perpetuação de uma memória escolar local. As fotografias escolares se consolidaram como importante categoria de análise dos microcosmos educacionais. Estudos como de Barros (1992), Burke (2004), Kossoy (1989) e Vidal e Abdala (2005), por exemplo, já demonstravam as potencialidades das imagens e os devidos cuidados ao se debruçar sobre suas produções. Os vestígios fotográficos fornecem outras interpretações possíveis dos espaços por eles permeados e dos sujeitos que por ali transitam. Em diálogo com a proposta aqui abordada, objetiva-se apresentar as experiências imagéticas produzidas pelo intelectual Leopoldo Machado em sua instituição escolar, o Colégio Leopoldo no distrito-sede de Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, no final da década de 1930, enquanto possibilidade de construção de uma memória imagética/afetiva local. Espera-se, com esse artigo, colaborar na compreensão das ricas e múltiplas histórias da educação na Baixada Fluminense.

Palavras-chave: fotografias escolares; Colégio Leopoldo; Nova Iguaçu.

"Education is an August temple": Memories of Leopoldo School through school images

Abstract

This article aims to offer some reflections on the use of school photographs as a means of constructing and perpetuating local educational memory. School photography has become a significant analytical category in the study of educational microcosms. Scholars such as Barros (1992), Burke (2004), Kossoy (1989), and Vidal and Abdala (2005), for instance, have already demonstrated both the potential and the necessary critical considerations involved in analyzing such imagery. Photographic traces offer alternative interpretations of the spaces they depict and of the individuals who traverse them. In alignment with the present proposal, the article seeks to explore the visual experiences produced by the intellectual Leopoldo Machado at his educational institution, Colégio Leopoldo, located in the district headquarters of Iguaçu, in the Baixada Fluminense region of Rio de Janeiro, during the late 1930s, as a possible avenue for constructing a local visual and affective memory. Through this study, the article hopes to contribute to the broader understanding of the rich and multifaceted histories of education in Baixada Fluminense.

Keywords: School photographs;; Leopoldo School; Nova Iguaçu.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ). Pedagogo e Professor de História, atua na Rede Privada e Pública na cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1078-9431>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4705872356257362>. E-mail: diogolione@gmail.com

** Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ). Pedagogo e Professor de História, atua na rede Privada e Pública na Cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7166-7085>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6873637450072051>. E-mail: professorleonardolui@mail.com.

"La Educación es un templo augustino": memorias del Colegio Leopoldo a través de las imágenes escolares

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo esbozar algunas reflexiones sobre el uso de las imágenes escolares como una posibilidad para la construcción y perpetuación de una memoria educativa local. La fotografía escolar se ha consolidado como una categoría de análisis relevante en el estudio de los microcosmos educativos. Investigaciones como las de Barros (1992), Burke (2004), Kossoy (1989) y Vidal y Abdala (2005), por ejemplo, ya señalaban el potencial de las imágenes y los cuidados necesarios al analizar sus producciones. Los vestigios fotográficos ofrecen interpretaciones alternativas de los espacios que retratan y de los sujetos que los habitan. En consonancia con la propuesta aquí abordada, se busca presentar las experiencias visuales producidas por el intelectual Leopoldo Machado en su institución educativa, el Colegio Leopoldo, ubicado en el distrito sede de Iguaçu, en la región de la Baixada Fluminense, Río de Janeiro, a finales de la década de 1930, como una posibilidad para la construcción de una memoria visual y afectiva local. Se espera que este artículo contribuya a la comprensión de las ricas y múltiples historias de la educación en la Baixada Fluminense.

Palabras clave: Fotografías escolares; Colegio Leopoldo; Nova Iguaçu.

INTRODUÇÃO

As fotografias escolares se consolidaram como relevantes vestígios dos microcosmos educacionais. Estudos como de Barros (1992), Burke (2004), Kossoy (1989) e Vidal e Abdala (2005), por exemplo, já demonstravam as potencialidades das imagens e os devidos cuidados ao se debruçarem sobre essas produções. Os vestígios imagéticos fornecem outras interpretações possíveis dos espaços por eles permeados e dos sujeitos que por ali transitam.

Divergindo dos documentos oficiais e das imposições legais que igualmente se caracterizam como outras categorias apreciativas, no que tange ao trato escolar, as imagens ofertam um vislumbre de como alunos, professores e demais agentes, que formam a comunidade escolar se relacionavam – ou não – com aquilo que lhes era imposto e/ou submetido, ofertando assim, outras tantas possibilidades de inquirição.

Nesse sentido, Vidal e Abdala (2005), ao tratar sobre os necessários cuidados quando se trabalha com as fotografias, nos alertam “para a necessidade de se indagar a fotografia em seu próprio código, como uma linguagem não verbal, limitada em suas opções pelos recursos técnicos e estéticos de cada época” (Vidal, 1994; 1998 apud Vidal; Abdala, 2005, p. 178), e para as intencionalidades de sua produção. Isto significa que, tão importante quanto a compreensão da mensagem explícita que a fotografia quis transmitir, é a interrogação dos manejos implícitos em sua edificação, ou seja, quem produziu, qual contexto de produção, qual

material utilizado para tal e os locais registrados, que fornecem outros indícios não perspectivados. Tais informações são fundamentais para se evitar o uso alegórico das imagens e, quando possível, produzir uma das possíveis interpretações das intencionalidades que permeiam e atravessam tal documento.

O historiador Peter Burke, em sua obra “Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica” (2004), analisando as potencialidades desses vestígios, nos informa que “as imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida” (Burke, 2004, p. 24), ou seja, calcado em signos de realidade, nós, os historiadores, produzimos uma “invenção” (Albuquerque Júnior, 2019), um dos possíveis entendimentos desses *outros presentes*¹ (Silva; Lemos, 2013). Essa “invenção”, em diálogo com Albuquerque Júnior (2019), não nos é algo estranho ou avesso, pelo contrário, é o “ato de descobrir ou encontrar um objeto/coisa que já existe, embora o desconheçamos, como ‘ato de apropriação de algo que jazia ignorado e desprezado pelos outros homens’” (Albuquerque Júnior, 2019, p. 23).

Desta feita, as imagens estariam enquadradas nesse “próximo” esquecido, isto é, apesar de serem abundantes em nossa sociedade centrada no visual, os atravessamentos que existem em suas produções seriam desconsiderados, ou até mesmo, ignorados. Mais uma vez, recorremos a Burke (2004) enquanto cuidado metodológico necessário no trato desses indícios. Ao alertar sobre as várias fontes de produção, o historiador chama atenção para o uso alegórico e até mesmo ingênuo das imagens. Segundo o pesquisador:

seria imprudente atribuir a esses artistas repórteres um olhar “inocente” no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo. Tanto literalmente quanto metaforicamente, esses esboços e pinturas registram “um ponto de vista” (Burke, 2004, p. 24)

Burke alerta, mais uma vez, para as intencionalidades que permeiam as produções das imagens. A fotografia é um fragmento de memória, a eternização de um ponto singular. Sua produção pode estar associada a produção/invenção de uma lembrança ligada às pessoas,

¹ Chamamos aqui de “*outros presentes*”, em diálogo com Silva e Lemos (2013), o recorte temporal comumente chamado de “passado”, entendendo que tal fragmento do tempo é um recorte operacionalizado pelos sujeitos e suas especificidades. O “passado” é um constructo humano, ou seja, é fruto das escolhas e posicionamentos diários. A vida é plural e acontece no agora, no presente, isto é, nos erros, nos acertos, nos acordos edificados e nas redes de sociabilidade e solidariedade edificadas. Por isso, optamos por tratar essas diferentes temporalidades como “*outros presentes*”.

lugares e instituições, tanto positiva quanto negativamente. A imagem mobiliza sensações unitárias ou coletivas, já que “a fotografia é um *artefato* humano e uma mensagem.

Ao mesmo tempo que resulta da incorporação de um ponto de vista social e de uma apropriação tecnológica, como trabalho humano, possui caráter conotativo” (Vidal; Abdala, 2005, p. 180). As fotografias escolares, no percurso proposto por este artigo, estariam, então, enquadradas no âmbito da produção de uma memória local/pessoal/afetiva. Ao passo que, enquanto fortalecem aquele espaço político mediado por lutas como um território legítimo, estariam, concomitantemente, criando/edificando/popularizando uma lembrança afetiva e um pertencimento com todos aqueles que por ali transitam e se identificam, transmutando esse sentimento em uma noção de pertencimento.

Desta feita, as produções imagéticas escolares, quando interrogadas, ofertam descobertas que não se esgotam naqueles questionamentos prévios, fazendo necessário novos investimentos e problematizações que buscam edificar uma das compreensões possíveis para as memórias daqueles que faziam parte desse microcosmos institucional. Nessa direção, ao tratar de memórias, entendendo que elas podem ser textuais, orais e/ou imagéticas, recorreremos à Ecléa Bosi (1994), que entrevistou antigos moradores para ouvir as histórias da cidade de São Paulo:

As histórias que ouvimos referem-se, do início ao fim, a velhos lugares, inseparáveis dos eventos neles ocorridos. A casa, o bairro, algumas ruas, em geral o trajeto para a escola e o centro da cidade são descritos de um modo dispersivo nas lembranças várias, mas com alguns focos [...] esses lugares são descritos sob os vários pontos de vista (Bosi, 1994, p. 448).

De posse dessas considerações, pode-se inferir que cada rememoração, cada ponto de vista, é o olhar particular a partir de uma mirada singular, pessoal e única. Diante disso, o excerto de Bozi (1994) colabora para pontuar como se relacionam a memória e os sujeitos que por elas são transpassados, (re)contando novas e reveladoras “memórias”, permitindo outras tantas possibilidades que se abrem para novas compreensões.

Deste modo, o trabalho aqui apresentado tem como objetivo principal tecer algumas notas sobre o uso das imagens escolares enquanto possibilidade de construção/perpetuação de uma memória escolar local a partir das fotografias produzidas pelo professor Leopoldo Machado, quando da instalação do Colégio Leopoldo, no distrito-sede de Iguazu em 1930.

A MAXAMBOMBA² E A CIDADE PERFUME³: A IGUAÇU QUE RECEBE LEOPOLDO MACHADO E SUAS IMAGENS

A cidade de Nova Iguaçu é um importante ator no trabalho aqui proposto. Localizada na Baixada Fluminense, o território desmembra-se do que foi a Vila de Iguassú, entreposto comercial entre as Minas Gerais e a cidade do Rio de Janeiro. Seu nome tem origem na língua Tupi e significa “rio grande”, muito por conta dos corpos d’água que formavam canais de comunicação entre o fundo da Baía de Guanabara, chamado de Recôncavo e o litoral.

De acordo com José Matoso Maia Forte (1933), o território da Vila de Iguassú estendia-se da Baía da Guanabara até os limites da Vila de Magé, subindo à serra em direção à Vassouras. De lá, espraiava-se até os limites com a cidade de Itaguaí, indo encontrar novamente com as águas da Guanabara. Um território extenso permeado por caminhos abertos a mando da Coroa e por diferentes grupos indígenas do tronco Tupi.

Maia Forte (1933), a pedido do Dr. Sebastião de Arruda Negreiros, interventor municipal, em comemoração do primeiro centenário da Vila, fundada por decreto em 1833, edifica um documento intitulado “Memórias da Fundação de Iguassú: comemorativa do primeiro centenário da fundação da Vila em 15 de janeiro de 1833” (1933), onde rememora os grandes “vultos” locais, isto é, a ligação da Vila com seus aspectos políticos, a formação religiosa e sua ligação com a terra, à laranja, o café e as fazendas produtoras. Em um quantitativo de 133 páginas, o pesquisador procura dar forma a cidade e seus primeiros cem anos. De acordo com o autor, a presente memória, “ainda que o seu autor já possuísse numerosas notas sobre Iguassú, foi escrita e impressa em menos de vinte dias. Sirva isso de desculpas ao autor pelas omissões e outras falhas que forem pontuadas” (Maia Forte, 1933, p. 131).

Apesar do pedido prévio de desculpas pelas “ausências” que foram identificadas, ao citar as questões econômicas, as famílias e suas ligações com as culturas ali produzidas, nada é mencionado em relação às populações escravizadas que compunham o território da Vila. Esses grupos étnicos foram invisibilizados no documento. Ainda assim, a importância histórica

² O termo, uma corruptela de “Machine Bomb” ou Machine Pump”, faz referência a um pequeno carro, com dois ou três vagões puxado por tração animal, muito utilizado na região de Iguaçu para o transporte dos gêneros produzidos nas lavouras e fazendas. Maxambomba também faz referência a fazenda que dará origem a atual cidade de Nova Iguaçu.

³ O adjetivo foi atribuído a cidade durante o período áureo dos laranjais, cultura fortemente empregada na região durante o governo do presidente Nilo Peçanha. A colheita da laranja precede sua florada que, assim como na cultura do café, exala um cheiro doce e agradável, que culminou na adjetivação da cidade como “Cidade Perfume” por aqueles que por lá cruzavam suas terras.

do compêndio se dá ao passo em que ele emerge como uma das tentativas de construção das imagens dessa cidade de Iguaçu que procurava se fazer “nova”.

De acordo com Albuquerque Júnior (2019), os escritos também se enquadrariam na categoria de *imagens*, já que estes convocam memórias, isto é, “materializamos em nossas escritas todas as imagens/figuras/sentidos” (Mercês, 2023, p. 60) que são evocados ao produzirmos novas memórias, tanto esses que as confeccionaram, quanto aqueles que produzirão novos sentidos por e partir desses documentos. Ainda nesse movimento, um segundo agente local emerge procurando, também, construir uma lembrança entrecruzando afetividades e pertencimento: o periódico *Correio da Lavoura*⁴.

Fundado em 22 de março de 1917 por Silvino de Azeredo, um intelectual afroiguaçuano, o periódico procurou, em suas páginas, propalar uma Iguaçu⁵ pronta e preparada para os *novos tempos* enquanto mobilizava a opinião pública em prol de mudanças significativas no distrito-sede de Iguaçu e seus territórios a partir de suas divisas, “lavoura, higiene e instrução”. O semanário, um dos vinte mais antigos do Brasil ainda em circulação, hoje no formato digital, intentou edificar uma memória iguaçuana a partir da construção de um pertencimento com a cidade, mediada por laços de afetividade com os sujeitos que por ali transitam, significam e ressignificam esse espaço político. Assim sendo,

Às cidades reais, concretas, visuais, táteis, consumidas e usadas no dia a dia, correspondem outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos (Pesavento, 2007, p. 11).

O *Correio da Lavoura*, em suas páginas, anunciava uma Iguaçu em efervescência, com a presença de cinemas – Cinema Modelo, Cine Verde e Cine Iguassú –, iluminação pública, água encanada e vias mais largas ou recém-remodeladas. Além dessas modificações, a existência de praças e áreas arborizadas representavam igualmente as mudanças

⁴ O *Correio da Lavoura* é uma experiência jornalística familiar dos Azeredos. Entre os colaboradores do periódico, destacam-se jornalistas negros que engrossam suas fileiras. Sobre o jornal, ver: Dias, 2014 e Alexandre, 2021.

⁵ O município de Iguaçu, criado em 15 de janeiro de 1833, possuía um total de 7 distritos que, mais tarde, vão se desdobrar em parte da atual Baixada Fluminense: Nova Iguaçu e seu distrito-sede Iguaçu, Mesquita, Belford-Roxo, Nilópolis, Duque de Caxias, São João de Meriti e Japeri. Sobre as emancipações, ver: Simões, 2007.

empreendidas pelos movimentos políticos locais. Nesse sentido, as imagens produzidas e veiculadas pelo periódico iguaçuano seguiam a proposta da edificação de uma identidade local.

No entanto, vale apontar que, assim como o Maia Forte (1933) deixou de considerar a Iguaçu negra em seus escritos, o periódico iguaçuano, apesar de propagar as mudanças nos vários distritos, em maior medida, trazia em suas publicações as alterações ocorridas no distrito-sede de Iguaçu, local no qual estava sediado.

Figura 1 – Praça Ministro Seabra na década de 1930



Fonte: *Correio da Lavoura*, 27 nov. 1930.

Ao apresentar uma cidade organizada, com aparatos citadinos e culturais, em suas publicações, o periódico iguaçuano instaurava essa cidade iguaçuana pronta e apta aos novos tempos que se avizinhavam. E, é nessa cidade em ebulição que o professor Leopoldo Machado chega para instalar sua instituição escolar, o Ginásio Leopoldo.

“A EDUCAÇÃO É UM TEMPLO AUGUSTO”: LEOPOLDO MACHADO E SUA CHEGADA EM IGUASSÚ

Ao considerar as ricas histórias da educação em diferentes espaços de aprendizagem, como escolas, clubes, igrejas, bares, ou seja, espaços formais e difusos, deparamo-nos com um campo profícuo e plural. Nessa toada, o então município de Iguaçu tem despertado interesses e se convertido em significativos objetos de pesquisas, quando propomo-

nos, então, a escrutinar a instalação do Colégio Leopoldo – fundado pelo professor Leopoldo Machado em 1933, no distrito-sede de Nova Iguaçu – e a edificação de sua memória, em diálogo com Hobsbawn e Ranger (1986), a partir das imagens perscrutadas nos arquivos da instituição.

Tais vestígios imagéticos ofertam informações que possuem relevância ao apresentar novas possibilidades investigativas, que nos ajuda delinear, não somente o contexto educacional local, os atravessamentos políticos implícitos nesses jogos, como também a constituição política, religiosa e filosófica que vão se estabelecendo na construção desse pertencimento local. No exercício de produzir uma *invenção* (Albuquerque Júnior, 2019) a que se propõem os historiadores, isto é, a partir dos vestígios perscrutados, propor uma das interpretações possíveis para esses documentos, se faz necessário.

Chamamos a atenção aqui para a relação entre a produção investigada com seu contexto de criação. Quando buscamos analisar a construção de uma memória como a que propomos aqui, a memória educacional, é necessário levar em conta que toda documentação oficializada é atravessada por contingenciamentos, negociações e jogos de poder, para que tal “barro” se torne, efetivamente, em uma produção formal.

E é a partir dessas relações entre a memória escolar e as fotografias, dialogando com Hobsbawn e Ranger (1984), no que tange à invenção de uma tradição, que procuramos compreender as ações empreendidas pelo professor Leopoldo Machado no âmbito educacional do distrito-sede de Nova Iguaçu. De acordo com sua biografia, Machado era filho de Eulálio de Sousa e Anna Izabel Machado Barbosa. Natural de Cepa Forte no estado da Bahia, atual Jandaíra, nasceu no ano de 1891. A família se instala no Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1920.

Sua chegada se deu na companhia de sua mãe e irmãos em 1922. A mudança ocorreu depois de seus genitores viverem sob acirrada perseguição política, culminando na morte de seu pai, político de carreira no Estado da Bahia. Ao chegar ao Rio de Janeiro, começou aos poucos se envolver com a educação e depois de idas e vindas trabalhando como professor, diretor, e outras funções, se estabelece em Nova Iguaçu. Antes, há indícios de que tenha implantado o Colégio Nacional em Paraíba do Sul em 1927, e o Ginásio Leopoldo, no Méier, Rio de Janeiro, em 1929. A foto a seguir, disponível nos arquivos da escola, é um recorte do Jornal

Correio da Lavoura divulgando o Ginásio Leopoldo. O recorte é de 6 de abril de 1931, e o Ginásio foi inaugurado nas terras iguaçuanas em 1 de fevereiro de 1930.

Figura 2 – De acordo com o Jornal, o Ginásio estava situado à rua José Bonifácio, no Méier



Fonte: Arquivo Pessoal do Colégio Leopoldo

O professor Leopoldo Machado de Souza Barbosa, ao longo de sua jornada atuou como jornalista, educador, escritor, compositor e poeta. Ao que indiciam os documentos, a cultura lhe era muito cara, sendo talvez a razão pela qual seu currículo escolar enfatizava, sobremaneira, as artes em geral. Outra particularidade de Machado foi a sua participação no espiritismo, se tornando um dos principais palestrantes do assunto, ganhando inúmeros destaques nesse círculo social.

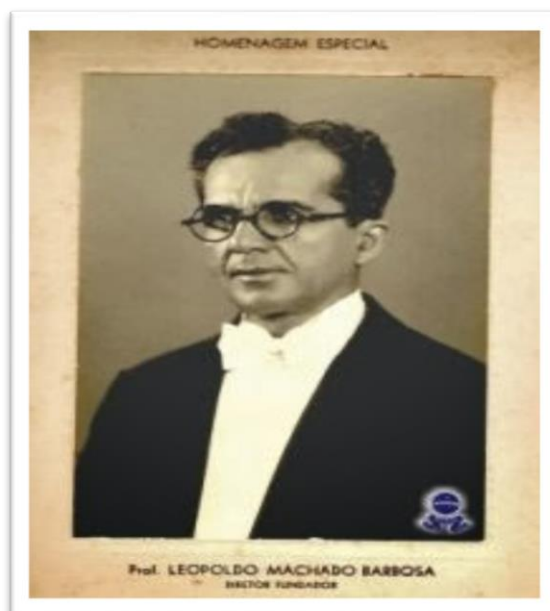
Machado vem de uma família tradicionalmente católica, e ainda em seu estado de origem, enfrentou frustrações nesse credo, se decepcionando com os dogmas estabelecidos pela igreja, resolvendo, a partir disso, se declarar como uma pessoa sem religião, até ser abraçado e acolhido pela doutrina Espírita Kardecista. Na aproximação com o Espiritismo, o

professor se (re)encontra, e sua vida começa a tomar outros rumos. A compreensão, ainda que de maneira simples sobre os (des)caminhos de Machado torna-se fundamental para delinear suas ações enquanto capitaneava o Ginásio Leopoldo.

Em 1927 se casou com Marília Ferraz de Almeida, com quem permaneceu casado até 13 de setembro de 1949, ano em que ela morreu. Ainda no Rio de Janeiro, obteve contato com José Florentino de Sena, conhecido como José Pititinga e Manuel Justino Freitas Quintão, ambos associados a Federação Espírita Brasileira (FEB). Dois anos depois do seu casamento, resolvem se mudar para o município de Iguassú, mais especificamente o distrito-sede, atual Nova Iguaçu. O convite é mediado pela figura do então prefeito local, Coronel Alberto de Melo, já que Machado havia lecionado para os filhos do político quando lecionou no Méier.

É interessante apontar como as relações de sociabilidade e solidariedade podem ser estabelecidas por, e a partir de, diferentes núcleos sociais, como bares, agremiações, redações jornalísticas e, também, escolas. Com sua chegada no distrito-sede, Machado e esposa juntaram-se aos trabalhadores do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, onde ativamente trabalharam na construção dos albergues noturnos Allan Kardec e Lar de Jesus. Sua esposa se tornou uma grande geradora de obras de caridade, ficando conhecida mais tarde como “Mãe Marília”.

Figura 3 – Professor Leopoldo Machado



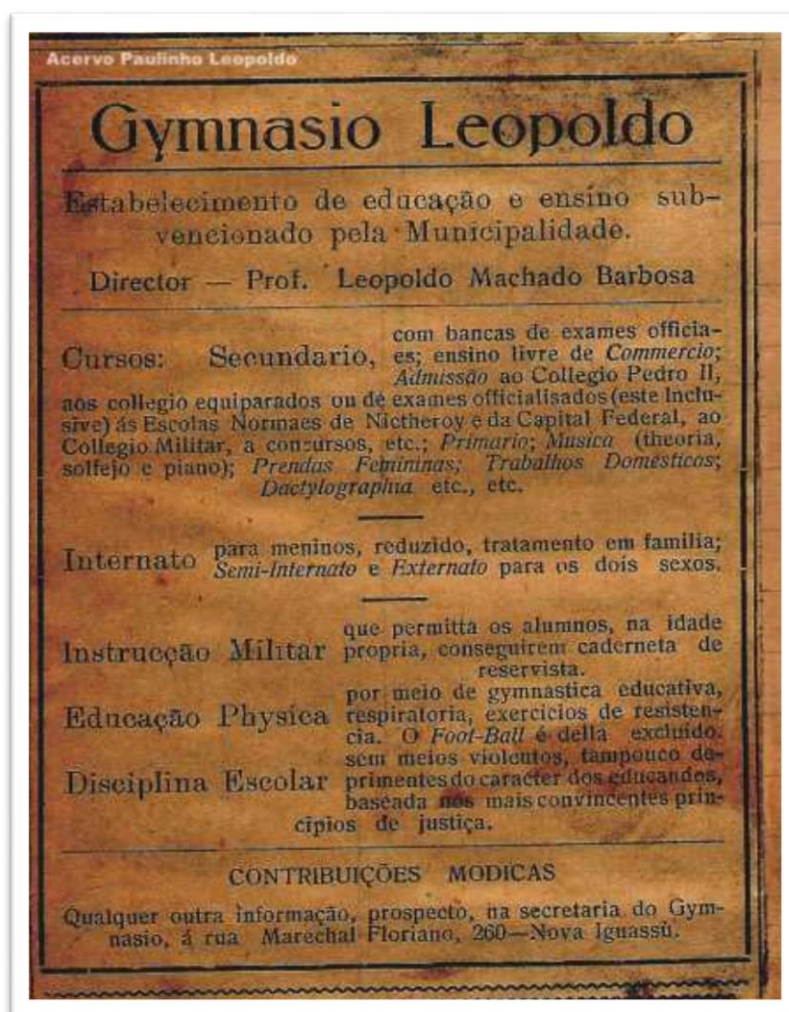
Fonte: <https://personagensdoespiritismo.blogspot.com/2013/12/leopoldo-machado.html>

O trabalho de Leopoldo Machado e Marília Ferraz os consagraram como “educadores” na cidade iguaçuana, pois Machado era um bom orador e muito bem articulado, além de se tornar conhecedor das necessidades existentes na localidade. É nesta perspectiva que se cogita a possibilidade de se construir um colégio na cidade, criando-se, em 1930, o Ginásio Leopoldo, que a princípio conta com a participação de sua irmã a professora Leopoldina Barros, esposa do também professor Newton Gonçalves de Barros, que, mais tarde, se torna professor na instituição recém-construída.

Outra participação como professor é a do Almirante Paim Pamplona, ex-presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB). A criação do Ginásio, de certa forma, pode ser incluída no processo de urbanização e modernização do distrito-sede de Iguaçu. A oferta de instrução, nesse sentido, cumpriria a função de mediação entre as populações locais e as representações políticas. Essa relação com a sociedade passa a ser um fator determinante para a implementação de seu projeto de ensino, pois entendia que não seria possível nenhuma escola se estabelecer em qualquer lugar sem que a sociedade estivesse diretamente ligada a ela.

O Ginásio Leopoldo, após se estabelecer, ganha notoriedade ao ser abraçado pela comunidade local assim como pelos agentes públicos/culturais da Iguaçu em efervescência. A instituição ofertava para seu alunado externato e internato para os meninos. Algum tempo depois, passa a ofertar também o ensino secundário e acaba se tornando uma referência em educação. Com base nos arquivos da escola, a instituição oferecia uma educação intelectual e a práticas elementares voltadas para o cotidiano. Dentre as disciplinas oferecidas, estavam Educação Militar, Educação Física (Ginastica Sueca), Moral e Cívica entre outras.

Figura 4 – Disciplinas ofertadas pelo Colégio Leopoldo



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo disponível nos arquivos da escola.

O periódico *Correio da Lavoura* se torna o principal meio de divulgação da nova instituição que estava surgindo em Iguassú. Silvino de Azeredo, fundador do jornal e o professor Machado estabeleceram uma relação de amizade. Nas páginas dedicadas as propagandas e reclames, é possível identificar chamadas que ofertavam os serviços da referida instituição.

A instrução em Nova Iguassú.

Recebemos os prospectos do Gymnazio Leopoldo, estabelecimento de educação e ensino que se funda em Nova Iguassú, prospero município fluminense. O gymnasio destina-se ao ensino secundário, livre de comércio, primário, dactilografia, musica (theoria, solfejo, piano e violino), pinturas, trabalhos femininos, de arte e de luxo, etc..., etc.... É seu director o professor Leopoldo Machado Barbosa e o corpo docente é constituído de professores

de reconhecida capacidade e tirocínio. A municipalidade subvenciona-o, sua sede é à rua Marechal Floriano. (*O GLOBO*, 14 jan 1930)⁶.

O professor Leopoldo Machado, mediado por sua instituição escolar e seus outros pertencimentos sociais e religiosos, se tornou um agente captador, alinhando-se ao que Gomes e Hansen (2016) edificaram como intelectuais mediadores⁷. Sua jornada foi marcada por diferentes itinerários. Entre esses, destacamos sua participação como organizador do Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, em 1939 com a coordenação de Deolindo Amorim; Primeiro Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil que aconteceu de 17 a 23 de julho de 1948. Foi um dos idealizadores do Primeiro Congresso Brasileiro de Unificação que se deu em São Paulo e aconteceu de 31 de outubro a 5 de novembro de 1948. Em sua biografia consta ainda que em 1949 foi convocado para palestrar no Segundo Congresso Pan-Americano e no Pacto Áureo, no Rio de Janeiro⁸.

O professor Leopoldo Machado faleceu em 22 de agosto de 1957 com 66 anos, dos quais, a maior parte foi dedicada à educação. Apesar de sua família dar seguimento ao colégio, em 2022, suas atividades foram definitivamente encerradas, fechando-se um ciclo nesta história.

A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: O USO DAS IMAGENS NA CONSTRUÇÃO E PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA DO COLÉGIO LEOPOLDO

Para além de seu âmbito formal, ligado às prescrições institucionais e educativas, quantas outras vivências experimentamos nos espaços escolares? Aprendemos a amar e/ou odiar, construir e/ou desfazer amizades, interrogamos nossos preconceitos, descortinam-se novas formas de ver a vida e as pessoas. Tudo isso permeado pelas ações dos sujeitos que por ali transitam e demarcam seus espaços, configurando as escolas em *territórios* políticos. A memória convoca/evoca/instiga afetos, carinhos, dissensões e (de)sabores.

⁶ Obedecida a grafia original.

⁷ Em diálogo com Gomes e Hansen (2016), Leopoldo Machado enquadra-se na categoria de intelectual mediador ao atuar como um facilitador, um intermediador entre os diferentes saberes especializados e os públicos alcançados pelos espaços que frequentava. Seja em ações diretas ou nos “bastidores”, disseminava determinadas ideias e valores por e a partir das redes de sociabilidade e solidariedade que edificava.

⁸ As informações concernentes aos congressos idealizado e organizado pelo professor Leopoldo Machado estão disponíveis nos sites espíritas disponíveis na internet dentre os quais está o Blog Personagens do Espiritismo, Leopoldo Machado | Personagens Do Espiritismo. Disponível em:

<https://personagensdoespiritismo.blogspot.com/2013/12/leopoldo-machado.html>. Acessado em 16/11/2023 às 10:53

As lembranças contam momentos. Elas contribuem na construção e consolidação daquilo que entendemos enquanto tradição. E as imagens colaboram significativamente nesse intento, ao passo que esses documentos se transmutam de uma memória coletiva em um testemunho fotográfico, isto é, consolidam, em seus microcosmos de ação, os sentidos de pertença, de identificação com as práticas e propostas empreendidas por aquelas instituições em que estão imersas. O historiador Jacques Le Goff (2003), reforça a importância dos vestígios imagéticos para o desenvolvimento e reforço positivo na/da construção da memória coletiva ao passo que esse “fragmento” do tempo-espaço confere “uma precisão e uma verdade visuais nunca atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (Le Goff, 2003, p. 460).

São os sujeitos que atribuem significados às coisas, os objetos e espaços. Uma cadeira, aquela sala de aula, um uniforme, o (re)encontro com colegas e professores, a imagem da instituição que o acolheu no curso da educação básica. Múltiplos significados podem ser imputados a esses espaços e transmutar-se-ão em uma memória afetiva.

A recordação consolida a *invenção* dessa tradição (Hobsbawn; Ranger, 1984). E “por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitáveis; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas (...)” (Hobsbawn; Ranger, 1984, p. 4). Deste modo, nesta etapa do trabalho aqui exposto, nosso objetivo é analisar as possíveis construções empreendidas pela figura de Machado à frente do Colégio Leopoldo a partir das fotografias localizadas no arquivo pessoal da instituição⁹.

De acordo com Kossoy (2001), a fotografia seria portadora de um estatuto de confiabilidade, isto é, a evidência imagética, por si só, atuaria como um testemunho de determinado fragmento do tempo e do espaço. Contudo, o pesquisador nos alerta também que ela, ao ser produzida, carrega em seu âmago intencionalidades que não podem ser desconsideradas. Quem as produziu, em qual ano, sob que circunstâncias, os sujeitos por elas

⁹ As fotografias, diários e demais documentos que compõem o acervo pessoal do Colégio Leopoldo foram compilados pelo último gestor da escola, Paulo de Tarso Machado de Barros, carinhosamente chamado de Paulinho Leopoldo (*in memoriam*). O acervo conta com agendas manuscritas do professor Leopoldo Machado, livros, discos em vinil, publicações de confissão espírita e outros produtos produzidos enquanto da gestão de Paulo de Tarso. A instituição encontra-se atualmente fechada por conta do falecimento de Paulinho aos 73 anos de idade. Gostaríamos de deixar registrado um agradecimento fraternal à senhora Mara que nos atendeu durante as pesquisas.

representados, as roupas, suas expressões, enfim, todas essas características precisam e devem ser analisadas para as possíveis produções de sentido desses *outros presentes*. “A imagem compreende, portanto, um suporte material a memória” (Bencostta, 2011, p. 10).

Em certo sentido, podemos afirmar que tais registros são objetos culturais que guardam fortes vínculos entre a memória dos personagens da escola e a memória da própria instituição, visto que enquanto documentos, essas fotografias se consistem em testemunho e representação da escola (...) em determinada época, pois revelam a um só tempo o modo de ser, mas também o de se conceber a escola; além de revelar formas determinadas de os sujeitos se comportarem e representarem seus papéis – professor, aluno, classe etc. Elas trazem informações sobre a cultura material escolar, como os arranjos espaciais (arquitetura), as relações pessoais, os contextos humanos (professores, alunos, diretores e suas respectivas posturas) e sobre as práticas escolares (festas de encerramento de ano letivo, entrega de diplomas, desfiles e comemorações cívicas, solenidades etc.). (Bencostta, 2011, p. 5).

Figura 5 – Grupo de alunos do Colégio Leopoldo



Fonte: Arquivo do Colégio Leopoldo

A imagem, registrada em 1932, apresenta à audiência da instituição algumas das dimensões perspectivadas pelos seus diretores. Os alunos estão organizados em fileiras, com diferentes uniformes e previamente organizados, buscando transparecer o cuidado com o corpo, a higiene e as regras de conduta.

Para as classes masculinas, a instituição apresentava a possibilidade de internato. Para o corpo feminino, o externato era a única opção disponível. Ainda assim, é possível inferir, a partir da fotografia, o mesmo cuidado e disciplinarização dos corpos, estimulada pelo uso do uniforme. Burke (2004) alerta para as falsas “estabilidades” que as composições imagéticas podem apresentar em uma primeira mirada desavisada.

Nesse sentido, é interessante perceber as pequenas formas de “resistência” ante as disciplinarizações impostas pelo ambiente escolar. As “caras feias”, os “desvios” de olhares em sentido oposto ao da objetiva, as expressões de inconformidade com o momento oficial “imposto” pelo colégio, as burlas, as cócegas representadas pelo sorriso farto são algumas das “camadas” que podem ser perspectiva nas produções de tais documentos imagéticos.

Esses vestígios corroboravam na edificação da memória coletiva do Colégio Leopoldo, já que “ao congelar um instante da vida, o fotógrafo, por sua vez, coloca em evidência o antes e o depois da vida de uma pessoa. E a fotografia também nos incentiva a adivinhar aquilo que está fora do cenário fotografado, do campo visual do fotógrafo” (Silva, 2008, p. 94). Nesse sentido, o fragmento de tempo registrado rememora/resgata todas as lembranças e afetividades tecidas naquele território. A construção desse pertencimento atrela-se diretamente às solenidades, às comemorações capturadas pelos filmes fotográficos e aos sujeitos que compõem a obra criativa.

Figura 6 – Professor Leopoldo Machado, ao centro, com seu corpo docente

Fonte: Arquivo do Colégio Leopoldo

Na imagem acima, registrada em 1931, podemos observar o grupo de professores que circundam o fundador da escola, transparecendo um sentido de unidade, de compromisso e de colaboração mútua entre as disciplinas ofertadas pela instituição. O semblante sóbrio atrelado ao alinhamento das vestimentas pode indiciar acerca da conduta e do compromisso necessários para a correta condução das novas gerações.

Tal “sensação” seria fundamental para a solidificação da organização como um *locus* privilegiado de aprendizado, convívio sadio e preparação plena para a vida em sociedade. A solidificação da memória concorreria para um fortalecimento da representação da instituição junto aos diferentes estratos em que esta atuasse, já que “uma das qualidades da imagem fotográfica reside precisamente neste poder de evocação, no fato de que ela pode suscitar, naquele que observa, o desejo de conhecer mais, de imaginar, de reconstruir” (Silva, 2008, p. 94) ou até participar efetivamente como um agente agregador nesse espaço.

As notícias publicadas no *Correio da Lavoura*, os festejos abertos ao público, as marchas em dias pátrios, assim como uma sorte de outros eventos, de igual modo, colaborariam efetivamente para a inculcação do Colégio Leopoldo na lembrança local iguaçuana como

também naqueles outros sujeitos afetados por suas páginas, nos moldes do que Nora (1997) cunhou como “lugares de memória”.

Assim sendo, essas múltiplas vivências atreladas às imagens promoveriam, então, o cruzamento entre as memórias pessoais, familiares e institucionais onde os sujeitos se reconheceriam e se identificaram. As fotografias escolares produzidas no âmbito da instituição atuariam como:

“detonadores” de uma sequência de imagens, ideias, sensações, sentimentos e vivências individuais e do grupo, num processo de “revivenciamento”, ou de “reconhecimento”, das experiências coletivas, que têm o poder de servir como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de “pertença” e de “identidade”, a consciência de si mesmos e dos outros que compartilham essas vivências” (Silva, 2008, p. 111)

À GUIA DA CONCLUSÃO

Desse quadro geral, compreendemos que dentre as muitas possibilidades de análises documental, trabalhar as fotografias, é, sem dúvidas, um grande desafio para os pesquisadores, uma vez que, a luz dos autores aqui trabalhados, nenhuma fotografia é neutra. Antes, estão carregadas de intencionalidades, o que requer compromisso ético e responsabilidade com os vestígios e as histórias que as atravessam.

O percurso investigativo desenvolvido neste artigo permitiu refletir sobre a importância das fotografias escolares como fontes históricas e como objetos de memória social. Dialogando com as contribuições de Kossoy (1989), Burke (2004) e Vidal e Abdala (2005), compreendemos que as imagens escolares do Colégio Leopoldo não apenas registram momentos específicos da vida institucional, mas também funcionavam – e de certa forma ainda colaboram – como dispositivos de construção de identidades e de representações sociais. As fotografias analisadas, longe de serem meras testemunhas passivas, se revelaram como produtos de escolhas, enquadramentos e intencionalidades, expressando tanto a proposta pedagógica da instituição quanto as transformações urbanas e culturais da cidade de Nova Iguaçu.

A partir das imagens selecionadas, buscamos superar leituras ingênuas ou puramente ilustrativas. Adotamos uma abordagem que considera as fotografias enquanto documentos históricos dotados de narrativas próprias, atravessadas por discursos de poder, de

identidade e de projetos educacionais. Como argumenta Burke (2004), toda imagem é socialmente construída e precisa ser situada em seu contexto de produção e circulação. No caso do Colégio Leopoldo, as fotografias funcionaram como parte de uma estratégia de afirmação institucional, vinculada a uma proposta pedagógica para o cenário iguaçuano na década de 1930.

Como destacam Vidal e Abdala (2005), a escola, ao divulgar suas práticas e seus espaços por meio da fotografia, constrói um discurso que ultrapassa seus muros, dialogando diretamente com o pensamento coletivo sobre a cidade. Nesse sentido, as imagens não apenas documentam, mas também participam de uma narrativa de “modernização” e desenvolvimento local.

Ao publicar matérias, fotografias e relatos sobre as atividades do Colégio no periódico local, o *Correio da Lavoura*, tal ação contribuiu para sedimentar a imagem da instituição como um polo de excelência educacional na cidade. Este diálogo entre imprensa, escola e cidade revela a complexidade dos processos de produção e circulação de sentidos na história da educação.

Por fim, ao revisitar a chegada e o desenvolvimento de Leopoldo Machado no território iguaçuano, as fotografias escolares por ele produzidas apontam para seu projeto educativo cidadão. Elas preservam e indiciam o esforço de um educador que buscou articular práticas pedagógicas e as diferentes demandas que permeavam não só a cidade, mas também sua instituição. A análise das imagens escolares, portanto, reforça a importância da fotografia como objeto de estudo profícuo para a História da Educação, capaz de provocar novas interrogações e abrir caminhos outros para futuras pesquisas sobre a educação local iguaçuana, quiçá da Baixada Fluminense.

As fotografias do Colégio Leopoldo não apenas retratam “outros presentes”, mas continuam a interpelar o hoje, convidando pesquisadores, educadores e a comunidade em geral a refletirem sobre os modos como memória, identidade e educação se entrelaçam na construção da história/memória e pertença iguaçuanas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. São Paulo: Edusc, 2007.

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. Dourados, MS: **Fronteiras**, v. 10, n. 17, p. 55-56, jan./jun. 2008.
- ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. “Perseverança, Serenidade e Progresso”: Nova Iguaçu nas páginas do Jornal Correio da Lavoura (1920-1950). **Revista Contra os Preconceitos: História e Democracia** – XXIX Simpósio de História Nacional, 2017.
- AZEREDO, Luiz Martins de. **Padre João – Apóstolo do bem em Nova Iguaçu**. Edição da Diocese de Nova Iguaçu, 1980
- BARROS, José D’Assunção. Histórias, Espaços e Tempo interações necessárias. Belo Horizonte: **Revista Varia História**, vol. 22, nº 36: p.460-476, Jul/Dez 2006.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. São Paulo: **História**, v. 30, n. 1, p. 397-411, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/his/a/7hMqfXTZYj83kzB4nVcMBdz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 12/12/2023.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUCS, 2004.
- DIAS, Amália. **Entre Laranjas e Letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj. 2012.
- DIAS, Amália. Fazer-se escola fazendo a cidade: a festa dos escolares em Nova Iguaçu (1916-1947). Rio Claro: **Educação: Teoria e Prática**, vol. 24, n. 47, p. 77-96, set-dez. 2014b.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5.a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MAIA FORTE, José Mattoso. **Memória da fundação de Iguassú: comemorativa do primeiro centenário da fundação da villa em 15 de janeiro de 1833**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, Rodrigues & C, 1933.
- MERÇES, Diogo Piassá das. **Silvino de Azeredo em alguns de seus (des)caminhos trilhados: notas sobre a Grande Iguassú, a imprensa negra e as campanhas empreendidas pelo Correio da Lavoura no distrito-sede de Iguaçu (1917-1939)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.
- NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire** (dir.). In: SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular e educação: salto para o futuro. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidade sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IGUASSÚ. *Correio da Lavoura*. Nova Iguaçu, ano XVI, n. 1167, 3 ago. 1939, p. 02.

PREFEITURA DE IGUASSÚ. *Correio da Lavoura*. Nova Iguaçu, ano XIV, n. 715, 27 nov. 1930, p. 02.

TERMO DE CONTRATO DE PROFESSOR. APCL. Termo contratual de professores do *Ginásio Leopoldo*. Nova Iguaçu, sem data. Disponível em: <https://www.colegioleopoldo.org.br/nossamemoria.html> Acessado em 25/03/2023 às 22:40. Disponível em: <https://personagensdoespiritismo.blogspot.com/2013/12/leopoldo-machado.html> Acessado em 16/11/2023 às 10:53

VIDAL; Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. Santa Maria: **Educação**, 30, n. 2, jul./dez., 2005.

SILVA, José Cláudio Sooma; LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. A história da educação e os desafios de investigar outros presentes: algumas aproximações. In: Ferreira, Marcia Serra; Xavier, Libânia; Carvalho, Fábio Garcez de (org.). **História do Currículo e História da Educação: interfaces e diálogos**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura Popular e Educação: salto para o futuro**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A Cidade Estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense**. Mesquita: Ed. Entorno, 2007.

Recebido em: *Abril/2024*.

Aprovado em: *Abril/2025*.